



Verifica-se pelo decorrer dos acontecimentos que os militares se encarregam de acabar com a lenda da ditadura salvadora

Se quiséssemos exprimir nesta fórmula rebelde toda a nossa simpatia pelos militares que nos governam há pouco mais de um mês, com tanta ponderação e acerto, a censura não no-lo permitiria. *C'est domage*, como dizem os franceses. Sim, causa pena que as palavras amáveis, que nossa pena vai trazendo neste pobre papel que amanhã, por artes internas, aparece se-meados de bonecos sem nexo, ante o olhar atônito do leitor, se destinam a um pouco sem fundo de onde jamais sairão. Mas é tanto o nosso entusiasmo pelos actos gloriosos do exército que nós, iludidos, julgámos de comêço perigosos para a nação, é tão sincero e impenitente o nosso entusiasmo que, mesmo assim com a espada da censura na garganta, nos abraçamos a testemunhar publicamente a nossa admiração pelos famosos generais e todos quantos lhes obedecem neste -passe o termo gasto- momento histórico.

Como poderíamos nós zangarmo-nos com os militares, se elas provam dia a dia por actos e por palavras que não querem mal aos civis utópicos, como nós, que sonhamos com a extinção do exército e com a administração pública feita pelo povo trabalhador liberto de todas as tiranias? Para quê a nossa indignação contra um exército pacifista, como nós, que não se bate, que não bate em ninguém e que deseja apenas que o país o deixe entrede-verar-se à vontade?

Pensámos no início do movimento militar que outro recurso não restava aos eivis, mais ou menos liberais, senão conspirar e lutar pela derrrocada da nova tirania que se erguia. Hoje arrependemos-nos da nossa precipitação. Os civis, como os militares, também não devem bater-se. Os civis devem cruzar os braços e deixar o exército à vontade, à larga, porque é muito melhor amigo do que pensávamos.

Todo o trabalho de desagregação e até mesmo de intriga que os avançados e os políticos liberais devem fazer no seio do exército está sendo executado pelos dirigentes militares e pelos inspiradores reacionários. Portanto, para quê tantas ações senhores republicanos, anarquistas, sindicalistas? Não vale a pena a gente ralar-se. O exército é amigo e, pelos seus desejos de tirania, encarrega-se de ir abrindo caminho à Liberdade.

Não é delicado afirmar que esta situação começou por várias *cabeças*. Por amor à verdade, limitamo-nos a recordar que principiou pelo governo incaracterístico do comandante Cabeças, cujas boas

intenções o levaram à prática de curiosas asneiras, como a de querer à viva força tornar constitucional uma situação que por sua natureza não o podia ser. Bem haja, porém, essa cabeçada inicial do primeiro chefe da revolta, visto que ela permitiu estabelecer no seio do exército uma proveitosa confusão - momentaneamente má para o país, mas que já contribuiu bastante para criar esperança de melhores dias nos que defendem a Liberdade.

Depois, de confusão em confusão, de intriga em intriga, de ambição em ambição, o exército enleado na própria teia que teceu, entrou de caí aqui, levantou-se acolá - mas sempre gloriosamente, pela Pátria e pela República...

Gomes da Costa sentiu-se o homem da situação. Em seu peito vibrava um grande amor ao país, em seu cérebro palpitava todo um programa maravilhoso de regeneração e de progresso. E como um cidadão de tanta envergadura não pode de qualquer quanto andar modesto ditar a lei ao país, sua exceléncia demitiu-se em Belém com a família. E deixou-se estar e fez nomeações, e demitiu gente e voltou a nomear, e deu-se ao trabalho extenuante de salvar a Pátria e a República...

Mas o exército não estava contente com a obra grandiosa do grande general. E, um dia, aquele exército, que tantas vezes lhe jurou fidelidade, que o aclamou, que o seguiu triunfante sobre Lisboa, cercou-lhe o palácio e prendeu-o. Depois demitiu-o. E por fim mandou-o... veranear.

Como se vê não era aos paisanos que competia inutilizar o sr. Gomes da Costa, espécie de ditador, que tentava governar de acordo com aquela Constituição que anteriormente permitira aos maus políticos governar sem acerto, nem prestígio, nem vergonha.

O exército que veio dar ao povo uma lição de disciplina e de competência, tem feito em pouco tempo as mais cabais demonstrações. Não temos erros a apontar-lhe, nem censuras a dirigir-lhe. Apenas nos permitimos pedir, rogar, implorar humilde e disciplinadamente que continue, que prossiga na sua obra, que persista na sua maravilhosa ação... Assim, acabará com a perigosa lenda, que muita gente toma como verdadeira, de que o exército era, pela violência e pela duração, capaz de salvar a sociedade burguesa que a própria burguesia vinha afundando.

Glória aos nossos generais...

E começou por dizer:

— Isto é um suicídio...

— A sua opinião era que...

— O Exército, até só por coerência, devia estar com o general Gomes da Costa. Não nego certos erros ao chefe da Revolução, mas não é justo nem nobre que aqueles que há 48 horas lhe juravam fidelidade não venham agora bater-se em sua defesa...

O mais afluente é que os golpes de Estado sucedem-se, cada vez com maior frequência - sem disparar um tiro. O Exército não se bate - e não se batendo, suicida-se na expectativa.

Agora surge uma nota do partido radical do Porto que não publicamos por ser de apoio ao general Gomes da Costa - e este já ter sido destituído, sem tiro, da presidência do ministério e da residência em Belém. Aquele partido prova assim a sua rara infelicidade política, pois nem mesmo tentando contra as suas doutrinas, consegue conjugar com exito o verbo apoiar.

A chinésa

Estas desavenças entre os militares dão-se sempre num grande tom de cordeleidade. «V. Ex.º está preso. Onde quer que o conduza?» «Ora essa, meu bom amigo, irei para onde V. Ex.º quizer.» «Ora, ora por quem é... queria escolher quartel do Carmo, fragata D. Fernando, Bussaco, Pedras Salgadas ou cidadela de Cascais?» Há hesitações. Tanto o general vencedor como o vencido se empenharam em bater-se pela amabilidade - uma amabilidade resquintada, plena de mesuras, quase chinésa. E por isso que há quem afirme que Portugal passou à categoria internacional de China do ocidente. Como na China oriental, também por cá existem delicadeza e generais inimigos. Faltam apenas as batalhas...

Uma opinião

Transcrevemos, sem que nos caiba comodamente, a seguinte local intermeada na reportagem do Diário de Lisboa, acerca dos acontecimentos:

«De regresso de Queluz, encontrámos o tenente Pereira de Carvalho. O infantíngue organizador do movimento militar de 28 de Maio vestia à paisana. O seu rosto enigmático reflectia certa tristeza.

«E bateram os amigos de D. Martinho para Belém. Mas, aí! Belém parece tão

O general Gomes da Costa está sob homenagem na cidadela de Cascais

Foi demolido, sem ter exercido o cargo, o consultor Jurídico da Presidência da República - Poi atenuado o rigor da suspensão de garantias

Aguardando um oficial da mesma patente, porém, mais antigo, conservou-se no palácio de Belém, durante a noite do ontem, o general Gomes da Costa. Em redor da sua altitude bordaram-se vivos comentários, que o decorso dos acontecimentos parecia justificar.

O governo do general Carmona ofereceu-lhe insistentemente completa liberdade, e dando-lhe, desde Belém até sua casa, todas as horas inerentes ao cargo de presidente do interior. O general Gomes da Costa foi conduzido à cidadela de Cascais, com a mesma liberdade de sair quando entender.

Depois, de confusão em confusão, de intriga em intriga, de ambição, o exército enleado na própria teia que teceu, entrou de caí aqui, levantou-se acolá - mas sempre gloriosamente, pela Pátria e pela República...

Gomes da Costa sentiu-se o homem da situação. Em seu peito vibrava um grande amor ao país, em seu cérebro palpitava todo um programa maravilhoso de regeneração e de progresso. E como um cidadão de tanta envergadura não pode de qualquer quanto andar modesto ditar a lei ao país, sua exceléncia demitiu-se em Belém com a família. E deixou-se estar e fez nomeações, e demitiu gente e voltou a nomear, e deu-se ao trabalho extenuante de salvar a Pátria e a República...

Dizia-se ontem, e um jornal da tarde afirmava ter colhido a informação de fonte autorizada, que se espalhavam, não perturbavam, sequer, a calma da população. Esta mostra, desde há longos dias, um interesse muito relativo pelos acontecimentos, pois, se liga, ante o discurso dos generais, a comentar e a escutar os boatos que incessantemente deslocam de toda a parte e para toda a parte.

O general Gomes da Costa sentiu-se o homem da situação. Em seu peito vibrava um grande amor ao país, em seu cérebro palpitava todo um programa maravilhoso de regeneração e de progresso. E como um cidadão de tanta envergadura não pode de qualquer quanto andar modesto ditar a lei ao país, sua exceléncia demitiu-se em Belém com a família. E deixou-se estar e fez nomeações, e demitiu gente e voltou a nomear, e deu-se ao trabalho extenuante de salvar a Pátria e a República...

Em face da recusa do general Gomes da Costa, o presidente do ministério convidou o sr. general João Alves Camacho, de infantaria, para acompanhar o chefe do governo deposto a Caxias, ao Quartel General do Campo Entrincheirado.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

A 3 e 30 da madrugada, o general Camacho, que vestia a paisana, apeava-se de um automóvel à porta do palácio de Belém, acompanhado por alguns oficiais. Pouco antes, chegara a Belém o tenente-coronel Bivar de Sousa, tendo conferenciado com o capitão Azinhais Mendes e os oficiais que estavam de guarda ao palácio.

JORNAL SUPRIMIDO

A redação de *A Revolução Nacional* encontra-se o seguinte comunicado:

«Quando o administrador desse diário — defensor do pensamento que orientou a revolução de 28 de Maio — se dirigiu ao Quartel do Carmo com as provas da página para a Comissão de censura, foi-lhe notificado pelo sr. coronel Prata Dias, presidente da aludida comissão, que o sr. general Carmona, presidente do ministério, não permitia a saída de *A Revolução Nacional*, e que ele, coronel Prata Dias, enquanto estivesse exercendo o cargo de censor, por fórmula alguma daria licença para tal publicação. Isto, é claro, a-pesar-de haver uma lei de imprensa e de os jornais estarem sujeitos a censura prévia.

Comunicando o caso, pedimos a fineza de, no seu jornal, tornar público. que peço é tão insólito como excepcional atitude.

A Revolução Nacional — orgão defensor do pensamento que animou a revolução militar de 28 de Maio: se vê forçado suspender a sua publicação até melhores dias...

Sem deixar de afirmar o antagonismo das nossas ideias com as ideias defendidas pelo jornal suprimido, e sem nos animar o menor tom de faceta, antes com sincera indignação, associamo-nos ao protesto levantado pela redacção de *A Revolução Nacional*.

As ideias que este jornal defendia mereceram sempre, continuamente merecendo — e, se vez alguma restar a sua publicação, continuará merecendo — a nossa viva oposição. Só a brusca e inútil supressão do jornal conseguiu que cortemos a controversia que vinhamos mantendo.

A redacção de *A Revolução Nacional* testemunhava o mesmo sentimento de protesto e indignação que teríamos se essa medida ofendesse nos atingisse.

Não é suprimir violentamente um jornal que se suprime uma corrente de opinião. Essa opinião revive, a-pesar-de tudo, e só a existência de muitos órgãos de opinião, entre si controversos, pode garantir a natural eclosão de todas as correntes, o consequente equilíbrio mental dos homens e das sociedades.

Não sabemos se se iniciou uma era mais violenta de perseguição à imprensa. Ainda que a nossa voz seja abafada na perseguição que se desencadeia, nunca deixaremos de protestar contra todos os atentados à liberdade de pensamento e de expressão. O silêncio, se nos for imposto, bem mais eloquente e expressivo será do que todas as manifestações ruinosas. Protestamos, pois, contra a violenta supressão de *A Revolução Nacional*.

Os funcionários do Município ainda não receberam os vencimentos de Junho

Têm andado os funcionários da Câmara Municipal de Lisboa muito descontentes, e começa já a germinar uma certa revolta, aliás justificada, pois que até à data ainda não foram pagos os seus vencimentos relativos do passado mês de Junho.

Todos os dias que passam se diz que nos seguintes dias é feito o pagamento de forma que os funcionários, não só de serviços externos como os que fazem serviço nas repartições que estão afastados do edifício do Pelourinho, se vêem na necessidade de andar atrás do tesoureiro como dos pagadores, respondendo estes muitas vezes dum forma pouco correcta.

Isto só representa por parte dos funcionários da Câmara uma falta dos seus deveres porque se todos se competrem sem dêses deveres não andariam esmolando em redor do tesoureiro e pagadores porque estes também são empregados da mesma Câmara.

Tudo isto se acabava se todos os funcionários se organizassem no seu verdadeiro Sindicato, como o fizeram os funcionários do Estado, que devido à sua boa organização, têm alcançado do mesmo Estado muitas regalias.

Mais ainda poderíamos fazer com que os pagadores fossem fazer os pagamentos às respectivas repartições como o fazem aos operários, pagando a estes nos respectivos distritos. Porque não bate certo que empregados que estão muito longe do tesoureiro, sejam deslocados para receberem os seus vencimentos com prejuízo muitas vezes do respectivo público.

Tudo isto seria resolvido e muitas outras regalias a reclamar se dentro da Câmara houvesse o verdadeiro espírito associativo que aliás inexistente não existe.

E. P. C.

Ler o Suplemento de A Batalha

Trindade
Telef. T. 976

HOJE
A's 9:14
da noite

O HILARANTE
PATRIOTA

comédia em 3 actos, tradução de Lino Ferreira — Encenação da professora Lucinda Simões.

Nos principais papéis os artistas: Amélia Pereira, Erico Braga, Dinah Stichini, Joaquim de Almada, Irene Isidro, Samuel Diniz, Seixas Pereira e Mário Santos.

Ecos das festas da Rainha Santa em Coimbra

Uma proibição do governador civil, às ordens do bispo-conde, que origina conflito

COIMBRA, 10.—Noticiou ontem *A Batalha* a proibição emanada do governador civil da vinda a Coimbra da banda de música do Troviscal, excomungada, há anos, pelo bispo-conde de Coimbra.

Esta resolução, que foi notificada à comissão de festas, provocou no público um frenético de indignação.

Profetizavam-se sérios conflitos para a última hora.

Ontem à tarde, a despeito da proibição do governador civil, dr. sr. Vieira Coelho, chegou a Coimbra, a convite da gerência do Coliseu de Coimbra, para tocar nas teatralizações exclusivamente, a aludida filarmónica do Troviscal.

Contra era natural, preparou-se-lhe uma receção, que foi ordeada e em que tomou parte grande número de liberais soltando vivas à República e morras à Reação.

A banda, tendo embora conhecimento da infeliz proibição do chefe do distrito, percorreu, tocando, nas ruas cittadinas. Entretanto, uma comissão composta por quinze dos mais categorizados elementos liberais desta cidade — entre elas destacavam-se os sr. Floro Henriques e David Agria, jornalistas, António de Oliveira e maiores Barnabé Ferreira e Alcides de Oliveira — dirigiram-se ao governo civil, a procurar devolver a autoridade superior do distrito da resolução tomada. Fizeram-lhe ponderar as graves consequências que da sua atitude poderiam advir, sem benefícios para o prestígio da autoridade.

O governador civil respondeu que tinha tomado com o sr. bispo-conde um compromisso de honra, que por nada trairia.

Pois, então, não fique mal com o sr. bispo-Conde. Ficará, já que o preferir, de mal com a opinião liberal — respondeu-lhe, saindo, a comissão, vendo baldadas as suas démarches.

Com o governador civil ficou, a pedido deste, para, particularmente conversarem, o major sr. Barnabé Ferreira. Este aceou e ficou aguardando. A comissão desbandou.

Um yulho negro, o prior dos Olivais — que provavelmente, escutou dos bastidores os desejos da comissão — surgiu inesperadamente, espalmou nas costas do major Barnabé Ferreira as largas manápolas, e falou ao major, irônico e triunfante:

— Espere, senhor, um bocadinho! Não vá ainda, que leva já a resposta!

O major, espantado, exprimiu ao mastro a sua indignação pelo atrevimento do sotânia, dirigindo-se-lhe, sem o conhecer, E, sem poder calar a sua irritação, despunha-se a ajustar contas, cá fora, com o prior dos Olivais, o que foi, prudentemente, evitado por alguém, a saída.

De seguida, na presença do major e subscrita a este, disse, alto, o missionário de Cristo e delegado do bispo:

— O sr. bispo-Conde manda-lhe dizer que mantém a sua resolução. Se a filarmónica do Troviscal for permitido tocar, o sr. bispo-Conde ordenará a suspensão dos festeiros religiosos.

A comissão que tentava entender-se com o governador civil encontrou, no regresso, a filarmónica heresiaria executando no largo Miguel Bombarda a "Portuguesa" e grande número de liberais a ovacioná-la e a soltar vivas à República e morras ao clericalismo. O comissário da polícia procurava impedir esta manifestação.

Alguns elementos da comissão interrogaram, então, telefonicamente, o governador civil sobre se persistia na sua atitude, respondendo-lhe aquela autoridade que, em frente do *ultimatum* do bispo-Conde, declarava desligado do compromisso que com ele tomara, e, por tal motivo, podia a banda executar. Partiu, imediatamente, a comissão a dar conta à filarmónica e ao comissário de polícia daí de que oviu.

O comissário, confirmadas estas informações, deu ordens em contrário e a banda prosseguiu.

Antes disto, travaram-se alguns conflitos individuais, de que resultou, além doutros casos, ficar um estudante torquemadesco ferido na cabeça por meio dum feradura da G. N. R. arremessado por um popular.

Surgiu, depois, inexplicadamente, por ordem do comissário, uma força da G. N. R., que escoltou, sob prisão, ao comissário da polícia, a filarmónica excomungada. O regente da filarmónica ficou ali detido com os músicos.

Estes foram, hoje de madrugada, forçados a tomar o comboio e a regressar à sua terra. O regente ficou aqui detido, incomunicável. A hora que escrevemos estamos informados de que regressaram a esta cidade, desfardados, os músicos do Troviscal, que veem manifestar a sua solidariedade ao regente.

Fomos informados também de que, à última hora, se reuniram os oficiais da guarnição de Coimbra, para tratar do assunto, tendo expedito para Lisboa um telegrama em que se pedia a distinção do cargo de chefe do distrito do sr. Vieira Coelho.

O propagandista anti-clerical e colaborador de *A Batalha*, professor Tomás da Fonseca, ao saber da incompatibilidade do regente da filarmónica e da arbitrariedade praticada pelo governador civil, apresentou-se hoje, no Governo Civil, oferecendo-se voluntariamente à prisão, por solidariedade com o regente.

Correm insistentes boatos de próximos e graves acontecimentos. — C.

2.000 pessoas mortas pelo cólera

CALCUTÁ, 10.—Está tomando proporções assustadoras em toda a Índia, a epidemia do cólera. Faleceram já 2.000 pessoas.

Câmara dissolvida

A Câmara Municipal da Chamusca enviou um grande número de telegramas a todas as entidades predominantes na actual situação política um protesto contra a dissolução que considera uma violência. Recebemos também, além da cópia dos referidos telegramas, um protesto que não publicámos visto ser fundamento nas mesmas razões daquele que publicámos da dissolução vereação lisboeta.

Comissário, confirmadas estas informações, deu ordens em contrário e a banda prosseguiu.

Antes disto, travaram-se alguns conflitos individuais, de que resultou, além doutros casos, ficar um estudante torquemadesco ferido na cabeça por meio dum feradura da G. N. R. arremessado por um popular.

Surgiu, depois, inexplicadamente, por ordem do comissário, uma força da G. N. R., que escoltou, sob prisão, ao comissário da polícia, a filarmónica excomungada. O regente da filarmónica ficou ali detido com os músicos.

Estes foram, hoje de madrugada, forçados a tomar o comboio e a regressar à sua terra. O regente ficou aqui detido, incomunicável. A hora que escrevemos estamos informados de que regressaram a esta cidade, desfardados, os músicos do Troviscal, que veem manifestar a sua solidariedade ao regente.

Fomos informados também de que, à última hora, se reuniram os oficiais da guarnição de Coimbra, para tratar do assunto, tendo expedito para Lisboa um telegrama em que se pedia a distinção do cargo de chefe do distrito do sr. Vieira Coelho.

O propagandista anti-clerical e colaborador de *A Batalha*, professor Tomás da Fonseca, ao saber da incompatibilidade do regente da filarmónica e da arbitrariedade praticada pelo governador civil, apresentou-se hoje, no Governo Civil, oferecendo-se voluntariamente à prisão, por solidariedade com o regente.

Correm insistentes boatos de próximos e graves acontecimentos. — C.

2.000 pessoas mortas pelo cólera

CALCUTÁ, 10.—Está tomando proporções assustadoras em toda a Índia, a epidemia do cólera. Faleceram já 2.000 pessoas.

Câmara dissolvida

A Câmara Municipal da Chamusca enviou um grande número de telegramas a todas as entidades predominantes na actual situação política um protesto contra a dissolução que considera uma violência. Recebemos também, além da cópia dos referidos telegramas, um protesto que não publicámos visto ser fundamento nas mesmas razões daquele que publicámos da dissolução vereação lisboeta.

Comissário, confirmadas estas informações, deu ordens em contrário e a banda prosseguiu.

Antes disto, travaram-se alguns conflitos individuais, de que resultou, além doutros casos, ficar um estudante torquemadesco ferido na cabeça por meio dum feradura da G. N. R. arremessado por um popular.

Surgiu, depois, inexplicadamente, por ordem do comissário, uma força da G. N. R., que escoltou, sob prisão, ao comissário da polícia, a filarmónica excomungada. O regente da filarmónica ficou ali detido com os músicos.

Estes foram, hoje de madrugada, forçados a tomar o comboio e a regressar à sua terra. O regente ficou aqui detido, incomunicável. A hora que escrevemos estamos informados de que regressaram a esta cidade, desfardados, os músicos do Troviscal, que veem manifestar a sua solidariedade ao regente.

Fomos informados também de que, à última hora, se reuniram os oficiais da guarnição de Coimbra, para tratar do assunto, tendo expedito para Lisboa um telegrama em que se pedia a distinção do cargo de chefe do distrito do sr. Vieira Coelho.

O propagandista anti-clerical e colaborador de *A Batalha*, professor Tomás da Fonseca, ao saber da incompatibilidade do regente da filarmónica e da arbitrariedade praticada pelo governador civil, apresentou-se hoje, no Governo Civil, oferecendo-se voluntariamente à prisão, por solidariedade com o regente.

Correm insistentes boatos de próximos e graves acontecimentos. — C.

2.000 pessoas mortas pelo cólera

CALCUTÁ, 10.—Está tomando proporções assustadoras em toda a Índia, a epidemia do cólera. Faleceram já 2.000 pessoas.

Câmara dissolvida

A Câmara Municipal da Chamusca enviou um grande número de telegramas a todas as entidades predominantes na actual situação política um protesto contra a dissolução que considera uma violência. Recebemos também, além da cópia dos referidos telegramas, um protesto que não publicámos visto ser fundamento nas mesmas razões daquele que publicámos da dissolução vereação lisboeta.

Comissário, confirmadas estas informações, deu ordens em contrário e a banda prosseguiu.

Antes disto, travaram-se alguns conflitos individuais, de que resultou, além doutros casos, ficar um estudante torquemadesco ferido na cabeça por meio dum feradura da G. N. R. arremessado por um popular.

Surgiu, depois, inexplicadamente, por ordem do comissário, uma força da G. N. R., que escoltou, sob prisão, ao comissário da polícia, a filarmónica excomungada. O regente da filarmónica ficou ali detido com os músicos.

Estes foram, hoje de madrugada, forçados a tomar o comboio e a regressar à sua terra. O regente ficou aqui detido, incomunicável. A hora que escrevemos estamos informados de que regressaram a esta cidade, desfardados, os músicos do Troviscal, que veem manifestar a sua solidariedade ao regente.

Fomos informados também de que, à última hora, se reuniram os oficiais da guarnição de Coimbra, para tratar do assunto, tendo expedito para Lisboa um telegrama em que se pedia a distinção do cargo de chefe do distrito do sr. Vieira Coelho.

O propagandista anti-clerical e colaborador de *A Batalha*, professor Tomás da Fonseca, ao saber da incompatibilidade do regente da filarmónica e da arbitrariedade praticada pelo governador civil, apresentou-se hoje, no Governo Civil, oferecendo-se voluntariamente à prisão, por solidariedade com o regente.

Correm insistentes boatos de próximos e graves acontecimentos. — C.

2.000 pessoas mortas pelo cólera

CALCUTÁ, 10.—Está tomando proporções assustadoras em toda a Índia, a epidemia do cólera. Faleceram já 2.000 pessoas.

Câmara dissolvida

A Câmara Municipal da Chamusca enviou um grande número de telegramas a todas as entidades predominantes na actual situação política um protesto contra a dissolução que considera uma violência. Recebemos também, além da cópia dos referidos telegramas, um protesto que não publicámos visto ser fundamento nas mesmas razões daquele que publicámos da dissolução vereação lisboeta.

Comissário, confirmadas estas informações, deu ordens em contrário e a banda prosseguiu.

Antes disto, travaram-se alguns conflitos individuais, de que resultou, além doutros casos, ficar um estudante torquemadesco ferido na cabeça por meio dum feradura da G. N. R. arremessado por um popular.

Surgiu, depois, inexplicadamente, por ordem do comissário, uma força da G. N. R., que escoltou, sob prisão, ao comissário da polícia, a filarmónica excomungada. O regente da filarmónica ficou ali detido com os músicos.

MÁRCO POSTAL

Alvor, José Domingos Mendes. — Recemos 7\$50. Paga a sua assinatura até o fim do corrente mês.

AGENDA

CALENDARIO DE JULHO

T.	6	13	20	27	HOJE O SOL
Q.	7	14	21	28	Aparece às 5,20
Q.	8	15	22	29	Desaparece às 20,3
S.	9	16	23	30	FASES DA LUA
S.	10	17	24	31	Q. M. dia 2 a 18,2
D.	11	18	25		L. N. 9 a 23,2
D.	12	19	26		L. C. 23 a 2,2

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Trindade. — A's 21,30 — O Patriota. Politeama. — A's 21,30 — O Leão da Estrela. Fénix. — A's 21,30 — O Dr. da Mula Rua. Maria Vitoria. — A's 21 e às 22,45 — O Az de Espadas. Varietades. — A's 21,15 e às 22,15 — O Pô de Arroz. Sétimo. — A's 21. Varietades.

Cinema. — O Vidente (A Graca) — Espectáculos às 3,45. — Sábados e domingos com matinées. Lido Parque. — Lidas as noites. Concertos: dinheros.

CINEMAS

Tivoli — Olympia — Central — Condes — Chiado Terreiro — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Terciso — Cine París.

Chapelaria A SOCIRE

Cooperativa dos Operários Chapelários. Grande sortimento em chapéus, lenços e meias em cores lindíssimas, formados dos mais famosos fabricantes estrangeiros.

GRANDE NOVIDADE

Especialidade em chapéus de seda.

FLAMÓ

Chapeu mole, novo modelo americano muito elegante, só os A SOCIAL.

Armação e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1º.

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33.

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A.

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29.

3.ª Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56-58.

FÁBRICA DE BONETS

Chapeu modelo Juarez (Exclusive).

FÁBRICA

cladílios, mosaicos, azulejos, cimento.

GOARMON & C. a

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19.

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha".

Encontra-se já à venda o primeiro ano desse interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhados e Pomares (novela), por Mário Domingos, 6\$00.

No Século d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: — Livraria Renascença, rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Polícínica da Estrela

Rua Domingos Sequeira, 11, M. r/c — Lisboa

TELEFONE TRINDADE-202

Doença dos rins e vias urinárias, às 10,30 horas — Dr. Antunes Prior.

Clinica cirúrgica — Operações, às 16,30 horas — Dr. Bastos Gonçalves.

Ovidos, nariz e garganta, às 9,30 horas — Dr. Carlos Larronde.

Síndrome das menopausas, às 11 horas — Dr. Carmo dos Santos.

Clinica médica, coração e pulmões, às 16 horas — Dr. Drummond Borges.

D. das gravides, puerperas, útero e anexos — Dr. José Pinto.

Estomago, fígado e intestinos — D. da nutrição (diabetes), gata, obesidade, às 14 horas — Dr. Luiz Quintela.

Clinica geral às 14 horas — Dr. Manuel d'Assumpção.

Doenças das crianças, às 12 horas — Dr. José Pinto.

Raíos X — Radioterapia, às 16 horas — Dr. Aleu Rios X.

Raíos X — Radioterapia, às 16 horas — Dr. Aleu Rios X.

Ortopedia — Massagem — Ginástica médica, às 15 horas — Dr. Salazar Correia.

Assistência clínica — Vacinas, às 10 horas — Dr. Marques Manacas.

Doenças dos olhos, às 09,30 horas — Dr. Sertório Senna

Doenças da boca e dentes — Prótese, 12,30 horas — Dr. Virgílio Xavier.

Raíos X — Radioterapia, às 16 horas — Dr. Aleu Rios X.

Nervosas e Mentais — Electroterapia, às 16 horas — Dr. Luiz Pacífico.

Ortopedia — Massagem — Ginástica médica, às 15 horas — Dr. Salazar Correia.

POCLINICA POPULAR

RUA MORAIS SOARES, 114

(Telefone, 5460-Norte)

Cirurgia, operações, às 15 horas — Dr. Abel da Cunha.

Estomago, intestinos e fígado. Clínica geral, às 11 horas — Dr. Eduardo Neves.

Coração e pulmões. Clínica médica, às 15 horas — Dr. Leão da Silva.

Boca e dentes, desde às 9 horas — Dr. Domingos Pereira.

Doenças das crianças, às 12 horas — Dr. Fiuas de Matos.

Doenças da nutrição. Clínica Geral, às 16,30 horas — Dr. Camezul Ferreira.

Doenças dos olhos, às 14 horas — Dr. Caetano S. Oliveira.

Pele e sifilis, às 11 horas — Oliveira Feijão

Doenças das senhoras, às 17,30 horas — Dr. Isabel Pereira.

Garganta, nariz e ouvidos, às 10,30 horas — Gomes Coelho.

Rins e vias urinárias, às 12,30 horas — Dr. H. de Fontoura Madureira.

Raíos X — Dr. Aleu Saldanha.

ANALÍSES CLÍNICAS

VACINAS

Policínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Nogueira.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 horas.

Pele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às 15 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Bastilhão e intestinos — Dr. Mendes Belo — 5 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 10 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Reio X — Dr. Aleu Saldanha — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o FERREÓL.

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.

Envia-se pelo correio à fabrica.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18

LISBOA

Novo Talho e Salchicharia

Rua Marquês Sá da Bandeira, 26, 28

Com grande abundância de carne de vaca, vitela, carneiro, porco, toucinho e seus derivados.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande indústria

desenvolveu a indústria das limas.

Experiencia com as melhores limas.

Experimenta, pois as nossas limas.

encontram a venda entre os países mais avançados de ferramentas.

— Esperar-vos hei em casa de João de Witt. Não

e outros o saberão também. Ah! se estivessemos em

Francia, este insolente havia de dormir já esta noite na

Bastilhão, e já de lá não saia.

Berta de Plouernel tornou a ficar absorta nas suas

dolorosas reflexões, enquanto a tia e o abade trocavam

em voz baixa algumas palavras, e o sr. de Tilly con-

versava com o sr. Serdan, que, depois de o ter ouvido

com crescente angústia, disse:

— Mas isso seria monstruoso... Não! não pôde

ser!...

— Segundo o que acabo de saber, já quase que não

é permitida a menor dúvida acerca da horrenda iniqui-

dade que se vai cometer... Daqui a uma hora sabei

rei tudo... e depois veremos o que se há de fazer...

— Mas qual é a opinião de João de Witt sobre os

acontecimentos?

— Certo da inocência do irmão, e confiado na jus-

ticia dos magistrados, pôde ele ter suspeitas de semel-

hante barbaridade? Ela já vio a casa dele, assim que

tiver dado ordem à cavalaria da Haia, que eu coman-

do, e com a qual posso contar, para estar pronta a

montar a cavalo, porque eu prevejo um grande tumulto.

— Daqui a pouco hei de encontrar-me

A BATALHA

Prossegue a revelação dos escândalos praticados pelos abutres que roubaram os depositantes do Banco Comercial do Pôrto

PORTO, 9.—Enquanto no ambiente contuso da política militar mais se acastelam as nuvens das surpresas, falar mais uma vez da burla do Banco Comercial do Pôrto, não faz diferença. E' até de uma salutar necessidade.

Seja dito em primeira plana, que os magnates burlistas que puseram aquele estabelecimento bancário à dependência, arruinados pelo que aqui temos estampado, em abôno da sua honorabilidade «telhadamente» reconhecida, tentaram vedar a entrada no Banco ao nosso *detective*. Para isso forjaram umas calúnias—calúnias, aliás, que caíram por si mesmas, pela base. Era também intuito deles espalhar a desconfiança entre os restantes possuidores de promissórias e de depositantes de dinheiro à ordem... do saque dos Marques de Sá e dos Pombos.

Com isso apenas conseguiram que numa reunião de credores do Banco fosse aprovado um documento no qual se protesta energeticamente contra as vilanias e artimanhas dos saqueadores do Banco Comercial do Pôrto, e se reitera a confiança ao nosso *detective*, aconselhando-o a que prossiga, sem desfalcamentos, na sua investigação aos crimes cometidos contra a integridade dos dinheiros que foram confiados à guarda do referido Banco.

E' mercê dessa ação, que hoje vamos dar à publicidade as cópias de uma escritura de hipoteca ao tal Pombô e duma carta enviada sobre o assunto pela Casa Bancária do Pôrto, Lda., do Rio de Janeiro. Princípios pela primeira.

«Que por contrato de vinte e cinco de abril deste ano de 1925, o Banco Comercial do Pôrto, por intermédio da sua Filial de Lisboa, garantiu um empréstimo de mil e quatrocentos contos que lhe havia sido feito pelo segundo outorgante Alberto Miranda Pombô e mulher D. Ana Figueiredo de Miranda Pombô; por meio de penhor mercantil constituído sobre quinhentas apólices Federais, de 5%, do valor nominal de um conto de reis brasileiros cada uma, e 600 ações da Companhia das Docas de Santos, do valor nominal de duzentos mil reis brasileiros cada uma, que se acham na Casa Bancária do Pôrto, Lda., do Rio de Janeiro, e que foram transferidas para os nomes do segundo outorgante e mulher por ofício telegráfico dado pelo Banco Comercial do Pôrto, com expressa autorização do seu Conselho Fiscal com data de 6 de maio próximo passado, disposição esta que foi confirmada pela Casa Bancária do Pôrto, Lda., do Rio de Janeiro; ao mesmo segundo outorgante e mulher por carta e telegrama de oito e vinte e cinco do mesmo mês de maio.»

«Leram? Pois agora vamos ver até que ponto está a verdade daquela trapalhada de transferências e de sanção. Vejamos, portanto, o capítulo—*Apólices que garantiam as operações dos antigos cinco correspondentes desse Banco*—uma carta que a Casa Bancária do Pôrto, Limitada, do Rio de Janeiro, enviou, em 3 de Julho de 1925, ao Banco Comercial do Pôrto:

«E' do conhecimento dessa Direcção, dito por nós, que é possível, mas problemática, a possibilidade de libertar 2/3 dessas apólices, mas também é possível que a Inspeção dos Bancos mande reforçar o depósito de garantia desta sociedade; e se tal suceder, claro está que quem tem que efectuar esse depósito é o Banco.

«Quando, porém, ainda se encontra em expediente e bastante demorado, o processo desse levantamento, que não sabemos ainda quando se conseguirá, já essa direcção mandou transferir para a Filial de Lisboa a totalidade de 500 apólices juntamente com as 600 ações das Docas de Santos, e a Filial também por sua vez para o nome de Alberto Miranda Pombô e sua esposa.

«Mas como é possível transferir-se estas apólices, se ainda não temos a certeza de as poder libertar?

«Deste facto, já ocasionou uma troca de correspondência desagradável com a Filial de Lisboa e, francamente, no caso de se não poder obter a liberação das apólices, desviamos de nôs toda e qualquer responsabilidade, pois preveremos até, e com sentimento lio afirmamos, que o Banco corre o risco de ter de comprar ainda igual número de apólices para as entregar à terceira pessoa a quem as pretende transferir e essa responsabilidade não é nossa e dela nos desviamos em absoluto.»

E' preciso dizer-se que se diz que esse Pombô é uma cobertura de um tal Eduardo John, administrador da Filial de Lisboa. E' o nosso *detective* confirma-o, como vamos já ver. Também se garante que a questão do empréstimo é uma grande leria. De que se concui tudo isto? E' o nosso informador que tem agora a palavra:

«Conclui-se de tudo isto que, nem podem ter confirmado transferência para o nome de Miranda Pombô e mulher, como também elas não caucionavam o empréstimo desse cavalheiro, porque estavam a servir de caução às operações do Banco, e o Governo do Brasil, ou a inspectoria dos Bancos, não consentiria que o Banco pudesse funcionar sem uma caução.

«Mas há mais: O Banco já jâmais pediu empréstimo ao sr. Pombô, sócio e amigo do tal sr. John: pediu à sua filial uns suportes. Ora o sr. Pombô, se alguma garantia tinha, foi-lhe dada por o mesmo John, seu sócio e amigo. Um e outro o mesmo corpo...»

«Que provem, se são capazes, com documentos, em como foi a Direcção que lhe deu essas garantias—porque por cá também há com que se lhes responda.»

Luis da Silva Viegas, delegado do governo, perguntou na última assembleia geral do Banco: «Quem disse a v. ex. que o Comissário do Governo autorizaria essas alienações?»

Para provar a incorrupcionalidade de tal Comissário, que tão disposto se mostrava a não consentir alienações ruinosas, o nosso *detective* apresenta-nos este documento:

«Aprendendo a que a inspectoria dos Bancos n.º Brasil confiscariam os títulos brasileiros que garantem o empréstimo de mil e quatrocentos contos feito por Alberto Miranda Pombô, a fim de assegurar o pagamento dos saques emitidos pela casa Bancária do Pôrto, Limitada, do Rio de Janeiro, e das suas Filiais em Santos, São Paulo,

Pará e Manaus, contra o Banco Comercial do Pôrto, de cuja cobertura este Banco dispôs para acudir a outros encargos inadiáveis, autorizo a que sobre os prédios do Banco em Lisboa e no Pôrto se constitua em empréstimo com hipoteca a favor de Alberto Miranda Pombô ou de terceira entidade, a fim de libertar os referidos títulos brasileiros, por não resultar deste acto qualquer agravamento na situação do Banco Comercial do Pôrto, perante os seus credores, a qual pode até melhorar sensivelmente. —Lisboa, 24 de Setembro de 1925. (assinado) Luis da Silva Viegas.»

A prova mais evidente de que o Banco Comercial do Pôrto melhorou sensivelmente e de que os credores das promissórias e do dinheiro à ordem não foram agravados, está no facto simplicissimo de que os prédios, até então livres e desonerosos, estão agora sob privilegiada hipoteca...

«Por quem? Pela anterior direcção? Que responde por nós quem ler os documentos que a deixamos?—responde o nosso informador.

E' conclui:

«Sobre este assunto ainda não está dito tudo. O mais bonito está ainda por aparecer. Para já, porém, ficamos nisto: não foi anterior direcção que deu garantias ao tal *pardal*, perdão, ao tal Pombô. Foram estes que lá estão agora, visto que os outorgantes da escritura não são senão o bispo daia da rua de Santa Catarina e tal *pardal*, perdão, ao tal Pombô e a respectiva cara metade. Quer dizer: o Eduardo John, com outro nome, como oportunamente iremos demonstrar. Isto não vai a matar. Lá iremos: aos poucos, é até nos quer parecer que, no fim de tudo isto, os tais directores antigos ainda nos hão-de agradecer por lhes prestar o serviço de não deixarmos sósinhos no campo das responsabilidades. Onde todos pagam não é caro, e por isso vamos ver se juntamos mais uma boa dúzia de tubarões aos quatro directores e mais dois empregados...»

E' feio assim... e foi assim... que deram com o Banco Comercial do Pôrto em panpanas... C. V. S.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2500; pelo correio, 2500. Pedidos à administração de A Batalha.

SOLIDARIEDADE

José Vilhena

Mais uma vez a comissão de auxilio ao camarada José Vilhena se dirige ao proletariado revolucionário para que lhe preste solidariedade.

José Vilhena, procura tratar-se e não posse recursos.

Perseguido pela burguesia e martirizado pela doença, Vilhena, não deve ser esquecido pelos trabalhadores, pelos revolucionários, que lutam também por uma sociedade melhor.

E' já no próximo dia 18 que se realiza a festa em favor deste dedicado camarada, no Salão de Festas da Construção Civil, na Calçada do Combro, 38-2º.

Todos os camaradas que desejem adquirir bilhetes podem requisitá-los na Administração de A Batalha a qualquer dos membros da comissão de auxilio.

Qualquer donativo também serão aceites.

Solidariedade a José Vilhena!

—No Salão da Construção Civil realiza-se hoje a festa da solidariedade a Aníbal Castanheira. Subirá à cena o drama em 3 actos, «O mineiro», original de Samuel de Paiva. O espetáculo será concluído com a comédia o «39 da 8.º e, ainda, um acto dedicado à canção nacional, com a cooperação de Artur do Intendente.

Terra Livre

Um camarada dedicado acaba de nos oferecer uma coleção do semanário anarquista «Terra Livre» para ser vendida em favor de A Batalha. Aquele camarada fixou o preço de 15\$00.

Algum camarada que deseje adquirir este interessante semanário pode dirigir-se a nossa administração.

AS GREVES

NO ESTRANGEIRO

Texteis de Passaic

NOVA YORK.—Há longas semanas que mantêm a greve dos operários têxteis de Passaic. A-pesar-disso, os grevistas continuavam a lutar entusiasmaticamente, tendo apoiado-lhos todo o operariado dos Estados Unidos desde a Costa do Atlântico até ao Pacífico. Parece, pois, que a criminosa pretensão do patronato de reduzir os já magros salários dos que à custa do seu sangue lhes enchem as burras de ouro, não passará desta vez ao domínio dos factos.

Em vista do prolongamento da greve, pensa-se em distribuir os filhos dos 16.000 grevistas por casas dos operários das outras indústrias, a-fim-de que os gritos de fome dos inocentes não lhes desmoralizem, seus pais, e quebrem as energias para a luta, como já tantas vezes tem sucedido.

«Que provem, se são capazes, com documentos, em como foi a Direcção que lhe deu essas garantias—porque por cá também há com que se lhes responda.»

Luis da Silva Viegas, delegado do governo, perguntou na última assembleia geral do Banco: «Quem disse a v. ex. que o Comissário do Governo autorizaria essas alienações?»

Para provar a incorrupcionalidade de tal Comissário, que tão disposto se mostrava a não consentir alienações ruinosas, o nosso *detective* apresenta-nos este documento:

«A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1925, que autoriza a alienação de 500 títulos da Dívida do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 65\$. Os sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-ão um abatimento de 50% por cotação de 50 folhetos.

Padilhos à administração de A Batalha.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1925, que autoriza a alienação de 500 títulos da Dívida do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 65\$.

Os sindicatos que desejem adquirir quantidades far-se-ão um abatimento de 50% por cotação de 50 folhetos.

Padilhos à administração de A Batalha.

POR MOÇAMBIQUE

Prossegue a história dos crimes e esbanjamentos de Azevedo Coutinho

O consulado de Vitor Hugo de Azevedo Coutinho foi fértil em acontecimentos. Mais um ano do político democrático na primeira magistratura de Moçambique e tudo seria devorado.

A Batalha tem documentado a ação política, social e administrativa que Vitor Hugo exerceu, atropelando os homens, desencadeando os acontecimentos na sua brutalidade trágica, dando a todos o espetáculo desolador da sua incompetência administrativa e da sua tirania senil.

Não há assunto que não abordassemos. Não há problema que não fosse poderoso, focado, ornando-o de números, iluminando-o de verdade, e a-pesar-de muito termos dito, o bastante para se esfarrapar a reputação que aos olhos do vulgo ignorante se apresentasse mais sólida, ainda multissimo resta para acrescentar na descrição da obra hedionda, nefasta e pecaminosa que o «Nero de Moçambique» desenrolou na África Oriental Portuguesa, sulcando-a de despotismos, de lágrimas, de sangue e de ruína.

Tudo arrazoou.

Nos serviços públicos estabeleceu o mais infernal pandemónio. Atirou-se às massas operárias, verdadeiras máquinas produtivas de riqueza e de progresso, e perseguiu-as, encarcerou os seus melhores valores, lançou na miséria tantos braços viris, tantas famílias que estavam engrossando, com infinitas vantagens, a colonização portuguesa. Por tal modo encaminhou os negócios financeiros de Moçambique que, por intermédio dum Conselho de Câmbios que fundou, conduziu proprietários, industriais, comerciantes e agricultores, às portas da falência.

Para círculo, atirando para a folha oficial como o fogo de vistos dalgumas dívidas pagas, ao mesmo tempo que não diz que o dinheiro para tal veio de receitas que o seu antecessor criara e de 200.000 libras que encontrou em cofre, patenteia-se aos olhos de todos esta mancha indeleável:

«Os pagamentos de todos os funcionários coloniais, licenciados ou aposentados na Metrópole, são pagos em dia, excepto os dos funcionários de Moçambique que andam atrasadíssimos, vendendo-se estes modestos servidores do Estado na necessidade de, várias vezes, recorrerem às casas de prego; e o prémio de transferência, segundo a informação telegráfica remetida por uma Associação Comercial de Lourenço Marques ao ministro das Colónias, estava, em 29 de Junho, a 88 por cento! Isto diz tudo.

Ainda há dias aíramos para público com os esbanjamentos de Azevedo Coutinho nestes dois capítulos:—Despesas com a sustentação de automóveis que tinha ao seu serviço—e despesas com jantares semanais a toda a casta de bicho-careta; hoje queremos servir outro pratinho das interessantes economias que o «Nero de Moçambique» fez, enquanto exerceu o lugar de alto conselheiro.

Sabe multíssima gente que, em volta do Palácio da Ponta Vermelha, existia, há mais de 30 anos, um jardim bem cuidado.

Debaixo dum frondosa árvore dêle, António Es, trabalhou e organizou planos para derrubar o régulo Gungunhana.

Foi esse jardim conservado por Mousinho, Freire de Andrade, Alvaro de Castro, Massano de Amorim, Brito Camacho; pois Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, logo que chegou a Lourenço Marques, arrasou-o, transformando-o em campo de hortaliças.

Pareceu-lhe pouco o que o Estado lhe dava: 2.190 escudos por dia, só em vencimento expresso nas tabelas orçamentais, 600 contos por ano; e por isso arrazoou o jardim, a fim de não ter que comprar hortaliças à praça. Ali passou a cultivar couves, nabos, pepinos, tomates, cenouras, etc., etc., pondo em maravilhoso destaque a sua absorvente preocupação:—«Com-

o que resultou do vandalismo fôr apenas o arranque de roseiras mimosas, de árvores antigas.

Ah! Não!

Como alto conselheiro, Vitor Hugo não comia sómente—devorava sofregamente tudo quanto nos cofres públicos caia; e foi assim que, no vandálico acto de transformar o jardim do palácio do Governo em nabal, gastou aproximadamente 2.200 libras, ao Cambio que ainda hoje vigora em Moçambique qualquer coisa parecida com 220 contos.

Não há invenção.

Estão escritos estes números nas repartilhas competentes de Lourenço Marques; e o actual Alto Comissário, sr. Massano de Amorim, que confia muito bem o jardim antigo, que, em rigor, não é de hortaliças, que, em tristíssima herança, lhe legou Vitor Hugo.

Mandou comer cerca de 100 bois das circunstações aos pretos que lhe deram um batucue, e ficou-se rindo da ingenuidade pública;

Papou, e os seus amigalhos, quantos jantares quiz, e mandou-os pagar pela Fazenda, como se as receitas do Estado fossem roupa de franceses, e vão ver que o não fazem repor o dinheiro indevidamente gasto;

Finalmente, gastou 220 contos a destruir um jardim por onde tinham passado homens de grande envergadura, e talvez haja quem comente o vandalismo com esta facecia: Afinal erraram a vocação ap homem,—onde ele dava muita era em hortelãos.

Não se julgue, porém, que na verba de 220 contos estão incluídas as despesas com águas das regas.

Junta-se aquela quantia as importâncias dispensadas com a água, o nabal deve estar por uma continha enorme, pois houve me-

A União dos Tipógrafos de Chicago acaba de conseguir para a classe tipográfica uma grande régala que deve merecer as atenções da organização operária portuguesa: a jornada de 6 horas de trabalho.



CONTRA OS TOUROS DE MORTE

Uma atitude nobilitante da organização operária de Evora contra um espectáculo digno de bárbaros

Em Evora pretende-se ressuscitar o insinto da bestiavaria que dorme nos elementos reaccionários daquela cidade; pret